

O perfil de Sócrates

04-Dez-2007

Com pompa e circunstância, José Sócrates veio a Beja, acompanhado do ministro Mário Lino, para anunciar a terceira data de adjudicação das obras do IP 8, que ligará Sines a Beja e a Vila Verde de Ficalho. Outubro de 2008, “desta vez é que é”! Na sua intervenção, o primeiro-ministro justificou a obra como “um imperativo nacional” mas, sobretudo, pelos investimentos privados “previstos e pensados” para o porto de Sines e pela sua complementaridade com os outros vértices do “triângulo estratégico”: Alqueva e o Aeroporto de Beja, cujas obras foram visitadas por Mário Lino.

Em várias declarações, Sócrates insistiu sobre um ponto: o IP8, entre Sines e Beja, terá “perfil de auto-estrada”; isto é, vai ter portagens – o que está longe de ser um pormenor, pelas suas várias implicações. Sines, o maior e melhor porto de águas profundas da costa portuguesa, com valências industriais e de carga e um enorme potencial de crescimento que o torna apetecível a investimentos transnacionais, não tem impacto meramente regional, pois vai servir um vasto “interland” que pode e deve ir muito além da fronteira, estendendo-se à Andaluzia e Extremadura.

A construção do IP8 com quatro vias, apenas entre Sines e Beja, revela vistas curtas em termos de planeamento estratégico, pois fica a meio do caminho – e Beja fica exactamente a meio caminho entre Lisboa e Sevilha, o que devia fazer pensar qualquer governante, mesmo que não fosse o presidente em exercício da União Europeia. Se o Aeroporto entrar em funcionamento até ao final de 2008 e tendo em conta que o IP8 só estará concluído em 2011 (sem atrasos…), nessa data as duas vias previstas entre Beja e Ficalho já estarão mais do que saturadas; basta ver o actual movimento de camiões de e para Espanha, ainda sem o aeroporto nem o IP8.

A introdução de portagens, além de questões de equidade no tratamento das regiões do interior, é outro sintoma de vistas curtas: do lado de lá da fronteira, há centenas de quilómetros de autovias sem portagem, nas quais se pode atravessar praticamente toda a península. E não se trata de nenhum despesismo inútil, como a evolução comparativa dos dois países mostra, infelizmente, ao longo das últimas décadas. Alguns apoiantes do governo argumentam que hoje há uma estrada apenas sofrível desde o Rosal de la Frontera até Aracena, a meio caminho de Sevilha. Por isso mesmo, é a altura de Portugal, para variar, tomar a iniciativa: e se o IP8 chegar à fronteira com quatro vias, lá para 2011 ou ainda mais tarde, não duvido que a correspondente espanhola não irá tardar – como já aconteceu, aliás, na ligação à Ponte do Guadiana e à Via do Infante, no Algarve.

O “perfil de auto-estrada”; invocado por

Sócrates, não se vai limitar ao IP8 e tem muito mais água no bico: ele está intimamente ligado à negociata das Estradas de Portugal, transformadas em SA mas suportadas pelo bolso dos contribuintes – o que gera dúvidas até a dirigentes do PS, como Vera Jardim e Manuel Alegre. Além do monopólio da BRISA sobre as auto-estradas, a privatização das EP entregará durante 75 anos, a gestão de todas as estradas ao grupo chefiado por Vasco de Mello – é fartar vilanagem, um autêntico retrocesso à Idade Média por via neoliberal.

A introdução das portagens no IP8 terá consequências imediatas no bolso dos alentejanos e de todos os utentes que a venham a utilizar. É, além do mais, uma vigarice política: Sócrates fez bandeira da gratuidade das SCUT, em particular das do interior, nas eleições de 2005. Basta olharmos para a A23, que liga a A1 desde Torres Novas até à fronteira de Vilar Formoso, passando por Castelo Branco e pela Guarda; ou, mais a Sul, a Via do Infante, na qual nenhum governo conseguiu impor portagens. Bem sei que, na geografia segundo Mário Lino, a Sul do Tejo é o deserto; mas não é seguro que os “camelos” aceitem pacificamente pagar portagens.

É bom que Sócrates se aconselhe junto de Cavaco Silva a respeito da “Maria da Ponte”. A principal motivação da primeira grande experiência de desobediência civil em Portugal foi o sentimento de injustiça de toda uma população; e já na altura se dizia, premonitoriamente, que as portagens eram uma afronta não apenas à Margem Sul do Tejo, mas para todos os transtaganos. Dada a experiência entretanto acumulada pelos movimentos sociais e cívicos na luta contra estas outras “portagens”, é bem possível que Sócrates venha a provar o veneno que apressou o fim do cavaquismo.

Bem, construam lá o IP8 – de frente ou de perfil – até à fronteira. Das portagens, a seu tempo, tratarão as alentejanas e os alentejanos – e verão que não somos assim tão lentos…

Alberto Matos – Crónica semanal na
Rádio Pax – 04/12/2007